



FLIJ 2024



FEIRA LITERÁRIA DO CAP. JOÃO XXIII

**É PROIBIDO
PROIBIR!**

**ARTE E LITERATURA
NÃO COMBINAM
COM CENSURA**

“Queimar era um prazer.

Era um prazer especial ver as coisas serem devoradas, ver as coisas enegrecerem e mudarem.”

Assim começa a distopia *Fahrenheit 451*, título que faz referência à temperatura na qual “o papel de livros arde e se consome”. As coisas mencionadas no fragmento, portanto, eram os livros, que na narrativa “se consumiam em redemoinhos de fagulhas e se dissolviam no vento escurecido pela fuligem”, sob o olhar anestesiado do protagonista, o bombeiro Montag.

No romance distópico de Ray Bradbury, os livros se tornam proibidos numa sociedade autoritária, que neles vê apenas o risco da opinião própria, da emoção não controlada, das ações imprevisíveis, da condição humana imponderável... Ironicamente, os bombeiros não são chamados para apagar as chamas, mas para provocá-las nas casas em que ainda resistem precárias bibliotecas clandestinas. Bela metáfora da intolerância totalitária com a literatura.

E por que trazemos essa obra e essa metáfora à memória de nossa comunidade escolar neste momento em que anunciamos o tema da Feira Literária do Colégio de Aplicação João XXIII deste ano? Porque acreditamos que ela mostra – como toda boa obra de ficção científica – um desdobramento possível, embora radical, de uma tendência que vem crescendo novamente em nossa sociedade: a censura aos livros e às obras de arte.

Assim, elegemos como tema da FLIJ 2024 “É proibido proibir: arte e literatura não combinam com censura”.

Temos observado, através da mídia e das redes sociais, o retorno da censura a obras literárias no Brasil, já registrada em outros momentos históricos – basta nos lembrarmos do contexto no qual Caetano Veloso cria a canção “É proibido proibir”, referida no tema da feira: a década de 60 sob a ditadura militar.

Percebemos que, contemporaneamente, a censura tem ocorrido em diversos lugares do país, em geral, em nome de valores morais, embora seja possível perceber claramente que é mobilizada a partir de preconceitos étnico-raciais, religiosos e linguísticos, atingindo obras da literatura infantil à literatura recém-canonizada.

São exemplos significativos desse tipo de censura o que ocorreu com a obra *O menino marrom*, de Ziraldo, suspensa na rede municipal de ensino de uma cidade mineira, sob pretexto de apresentar conteúdo violento; com *O avesso da pele*, de Jefferson Tenório, recolhida em escolas de Goiás, Paraná e Santa Catarina, sob o pretexto de apresentar linguagem inadequada e cenas de sexo; e *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, vetada numa escola baiana, também sob o pretexto de apresentar linguagem inadequada e temática de violência contra a mulher. O preconceito é menos velado nas obras que fazem referência a divindades africanas, como ocorreu com *Omo-Oba*, de Kiusam de Oliveira, substituída em uma escola do estado do Rio; e com *Amoras*, de Emicida, vandalizada pela mãe de um aluno em uma escola da Bahia.

Tomando-se a sério o argumento moral – e nem Machado de Assis escapou de ser considerado inadequado para fazer parte de uma biblioteca escolar –, será preciso discutir a natureza e a função da literatura. Concordamos, a esse respeito, com o crítico Antonio Candido, o qual esclareceu em diversas oportunidades que, ao contrário do que a escola e a sociedade muitas vezes desejam, “a literatura não corrompe nem edifica” e traz em si tanto os valores preconizados como os proscritos: “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. Daí que a leitura literária seja uma aventura complexa como a da própria vida.

Desvelando-se o preconceito étnico-racial, religioso e linguístico, trata-se de fazer valer os direitos humanos e os valores democráticos, preconizados inclusive pela Base Nacional Comum Curricular. Vale lembrar também que, nesse caso, mais do que nunca, precisamos muito da literatura, pois, concordando com o filósofo Richard Rorty e com o teórico da literatura Tzvetan Todorov, o que a literatura faz é justamente “nos curar de nosso egotismo”, ou seja, ela nos dá “uma nova capacidade de comunicação com seres diferentes de nós”, tendo como horizonte último “o amor, forma suprema de ligação humana”.

Dessa forma, na FLIJ 2024, convidamos nossa comunidade escolar à leitura de obras que têm sido alvo de censura – ou que já foram, em outros momentos históricos – com o coração aberto para o *outro* e a cabeça disposta a pensar nos (des)caminhos que levam à tomada de decisões tão drásticas em relação a ele.

COMISSÃO DA FLIJ 2024